

12-3-60 - O Globo

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### REFORMA RURAL

VAI o Sr. Jânio Quadros a Cuba, e francamente não vejo nenhum mal nisso, em que pèse a opinião de muitos de seus simpatizantes. "Les voyages forment la jeunesse", e o Sr. Jânio é um político ainda bastante jovem, que só pode aprender virando e mexendo por este mundo.

O que não creio é que ele possa tirar alguma conclusão útil do estudo necessariamente sumário que diz que pretende fazer da reforma agrária cubana. O problema da terra é muito diferente lá e aqui; e aqui dentro do Brasil mesmo é tão diverso de uma região para outra que não creio de muita utilidade o que se possa aprender em Cuba.

Não pretendo aflorar, numa crônica, o problema agrário no Brasil, mas sempre direi que um de seus aspectos que mais me impressiona é o desuso da terra, e isso perto dos grandes centros urbanos, onde há todas as facilidades de transporte e mercado. Andei, outro dia, por fazendas do Estado do Rio. Quem fizer isso num fim-de-semana pode notar quantos alqueires de pasto ou de terras boas para cultura estão sem uso. Várzeas excelentes entregues à tabua, pastos sujos de rabo-de-burro e de sapê. Por quê? Ou o proprietário vive na cidade e tem mais em que pensar (talvez, quem sabe, em um futuro loteamento...) ou simplesmente não tem recursos para explorar bem a sua propriedade e prefere guardá-la à espera de que se valorize. Não há, por parte do Estado, nenhuma pressão que leve o dono da terra a produzir — ou a permitir que outros produzam em sua terra. Extensões enormes, aproveitáveis, ficam à espera de utilização enquanto o fazendeiro "está pensando" no que vai fazer daquilo.

Ora, somos um país em que a população cresce mais depressa que a produção rural. É verdade que temos muita terra — mas não temos muita terra perto dos grandes centros consumidores, e com transporte fácil em estradas asfaltadas. Arroz, feijão, farinha, frutas, leite, carne de galinha e de porco, verduras, legumes, tudo isso é caro e faz falta, e tudo isso deixamos de produzir como deveríamos, à porta mesmo dos grandes centros, sem que ninguém se lembre de obrigar, com um imposto territorial inteligentemente estudado, os donos da terra a utilizá-la ou permitir que alguém as utilize de maneira econômica.

A terra não existe para constar de escrituras de cartório e ser negociada, e sim, para produzir. Por esta idéia simplicíssima deveria começar qualquer tentativa de ameaça de estudo de reforma agrária — e o Sr. Jânio talvez tivesse mais a aprender em um fim-de-semana no Estado do Rio, que em uma viagem a Cuba.

Quanto ao Sr. Jango, este é que não tem nada a aprender no assunto. Sabe lidar, lá no Sul, com seus pastos, seus bois e seus peões. E, aqui no Rio, vizinhos de seu sítio em Jacarepaguá me contam como é que ele "eleva o nível de vida" do homem do campo: tira os melhores trabalhadores das redondezas dando a cada um, para que trabalhe em seu sítio, uma sinecura na Previdência Social.

O que talvez, quem sabe, seja uma nova tese do reformismo rural trabalhista... Acho que os rapazes do ISEB deviam estudar isso.